INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUI- ICESPI
CURSO DE FILOSOFIA

DARLEI FERREIRADOS SANTOS

"A PESSOA EM EMMANUEL MOUNIER NA OBRA 'O PERSONALISMO"

TERESINA 2014

DARLEI FERREIRA DOS SANTOS

"A PESSOA EM EMMANUEL MOUNIER NA OBRA 'O PERSONALISMO"

Monografia de conclusão do curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia, Sob a orientação do Prof Doutor Pe. Domingo Barbosa Filho.

Cod. 5814
100
S237p
Ex. 01

TERESINA 2014

ICSPI - Biblioteca
13072 091.0449

DARLEI FERREIRA DOS SANTOS

"A PESSOA EM EMMANUEL MOUNIER NA OBRA 'O PERSONALISMO"

Monografia de conclusão do curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

TERESINA 2014

DARLEI FERREIRA DOS SANTOS

"A PESSOA EM EMMANUEL MOUNIER NA OBRA "O PERSONALISMO"

EXAMINADOR I

EXAMINADOR II

A Deus, criador de todas as coisa, que me deu a graça de existir e a possibilidade de transformar a realidade a partir de mim mesmo levando em consideração o universo pessoal de cada pessoa.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha existência;

À minha família pelo apoio;

Aos paroquianos da paróquia de N. S. do Perpétuo Socorro-Água Branca- Piauí, onde estou servindo desde quando comecei as viagens a Teresina para a convalidação do curso. Sei que compreenderam a minha ausência;

Aos que estiveram comigo, no silêncio, me apoiando;

Aos meus irmãos no Sacerdócio: Pe. Chagas, Pe. Antonio Marcos, Pe. Jozifran, Pe. Klebert, e, à amiga, Alana Mara pelo incentivo e apoio.

"Quando já não tivermos possibilidades de sucesso, resta-nos testemunhar". Mounier

RESUMO

O trabalho versa sobre a concepção de pessoa na filosofia personalista de Emmanuel Mounier. Apresenta a luta de Mounier em superar a principal característica que afeta a vida dos homens na contemporaneidade, a saber, o grande individualismo que afeta todas as relações entre humanos em nosso tempo. Destaca a importância dos fundamentos cristãos na fundamentação de tal pensamento principalmente no que tange à sua idéia de comunidade de homens. Apresenta a atualidade do pensamento de Mounier em nossos dias.

Palavras-Chave: Pessoa. Personalismo. Individualismo. Comunidade.

RÉSUMÉ

Le travail porte sur la conception de la personne dans la philosophie personnaliste d'Emmanuel Mounier. Mounier présente la lutte pour surmonter la principale caractéristique qui affecte la vie des hommes à l'époque contemporaine, à savoir, le grand individualisme qui affecte toutes les relations humaines de notre temps. Souligne l'importance des fondations chrétiennes dans les motifs d'une telle pensée principalement en fonction de leur idée de la communauté des hommes. Affiche le courant de pensée Mounier aujourd'hui.

Mots-clés: Personne. Le personnalisme. L'individualisme. Communauté.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11
1 EMMANUEL MOUNIER 13
1.1 VIDA E OBRA 13
1.2 ASPECTO HISTÓRICO DO PERSONALISMO 14
1.3 O PERSONALISMO DE EMMANUEL MOUNIER 16
2 A PESSOA 20
2.1 VISÃO DE PESSOA DE EMMANUEL MOUNIER 20
2.2 A PESSOA EM BUSCA DO OUTRO 24
3 A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE EMMANUELMOUNIER 28
3.1 PESSOA E INDIVÍDUO 28
3.2 A COMUNIDADE DE PESSOA PROPOSTA POR EMMANUEL MOUNIER 33
4 CONCLUSÃO 36
REFERÊNCIA 39

INTRODUÇÃO

O trabalho monográfico aqui desenvolvido tem por tema "**A pessoa em Emmanuel Mounier na obra 'O Personalismo"**. O objetivo de tal pesquisa diz respeito a uma apresentação do pensamento de Emmanuel Mounier em seu contexto de vida pré e pós – Segunda Guerra Mundial, principalmente no que se refere à pessoa na obra 'O Personalismo'. Faz-se também necessário levarmos em consideração os dados biográficos de tal autor, bem como, a sua formação cristã junto de sua família.

Buscar-se-á também apresentar a filosofia criada por Mounier. Tal filosofia é o personalismo que traz uma reflexão que questiona a sociedade pelos muitos niilismos e ceticismos de nossos tempos, bem como traz uma nova compreensão acerca do ser humano. A valorização da pessoa humana se faz necessária e urgente. Pessoa humana se faz na comunidade e o homem torna-se um ser de comunicação consigo, com o outro e com o mundo que o rodeia. Eis o principio de alteridade comunitária apresentada pela revolução personalista.

Também será abordada a importância do outro, bem como, toda a contribuição que o mesmo pode oferecer para a pessoa, gerando experiência, comunhão e inter-relacionamento para assim sempre crescer mais como pessoas não desprezando jamais o mundo que o outro tem a oferecer.

Outro aspecto a ser trabalhado corresponde à atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier e a sua crítica ao individualismo, característica marcante da sociedade hodierna. Para superarmos tal individualismo faz-se necessário recordarmos a visão de Mounier que via o personalismo como única forma de superação plausível, porque o individualismo centraliza o indivíduo sobre si mesmo desvinculando-o da comunidade. O personalismo ao combater o individualismo favorece a comunidade de pessoas. A comunidade de pessoas refere-se ao ponto mais alto do personalismo e seu maior projeto de defesa da pessoa como realidade existencial. Assim, a nova comunidade proposta por Mounier é a sociedade personalista e comunitária, "que tem por função refletir a dignidade da pessoa humana". (MIRANDA, 2003, p. 64).

Dessa forma, Mounier (2005, p.101) fala que "uma teoria da ação não é, pois apêndice ao personalismo é seu capítulo central". Ou seja, cada pessoa não tem o dever de apenas personalizar-se a si próprio, ela deve comprometer-se com os demais ao seu redor para que também eles possam "converter-se" e acordar do denso sono e do estado de "vegetação" que atua o individuo.

Portanto, neste contexto de ação nota-se claramente, que Mounier tenta resgatar o sentido de pessoa responsável, e que pode realizar grandes ações quando confia em suas próprias capacidades e no imenso poder que ela detém.

1. EMMANUEL MOUNIER

> Ao fundar o movimento, denominado Esprit e o personalismo, Mounier, como filósofo e como cristão, preocupado com o diagnóstico da civilização do seu tempo, fortemente marcada por um espírito burguês individualista de um lado e, do outro, por um coletivismo arrasador, empreendeu um movimento amplo de renovação filosófica e de transformação de mentalidade e de estruturas em todos os níveis (social, econômico, político, religioso, educacional, jurídico, familiar...) (Alino Lorenzol)

1.1.Vida e obra

"Emmanuel Mounier nasceu em Grenoble, na França, sudeste da França, no dia 1° de abril de 1905. Em 1927, terminou o curso de licenciatura em filosofia, em sua cidade natal, com o professor Jacques Chevalier. Em Paris, no ano de 1928, prepara-se para a agregação em Filosofia, sendo recebido em 2°. Lugar. Foi professor de Filosofia no liceu de Saint-Omer, norte da França. Enquanto lecionava, tentava definir um tema para sua tese de doutorado em Filosofias sobre questões de Personalidade e mística.

Em 1930, desiludido com a estrutura da Sorbonne, abandona a carreira do magistério, redescobre Péguy (filósofo Francês cristão) e planeja, com alguns amigos, lançar uma revista que se abra aos problemas colocados ao homem dos anos 30 pela civilização nascente, e aqui, iniciaram-se os primeiros contatos com os círculos de Jacques Maritain e de N. Berdiaeff. Mounier poderia ser chamado por muitos de apenas mais um pensador cristão que tenta renovar a Igreja em declínio, mas prefiro aqui colocá-lo como o Cristão, filósofo, o educador, o homem de ação e contemplação, o polemista e, principalmente, um homem voltado para ação política. Deixou sua carreira acadêmica por um ideal maior, fundado, em 1932, a revista Esprit, em Paris, chegando a se opor a ideia academicista e carreirista existente em sua época. Sua Obra célebre – **O Personalismo**-destaca-se pelas circunstâncias na qual foi escrita, num período de pós-guerra e apenas três meses antes de sua morte repentina. Em seu pensamento não há doutrinas (MOUNIER, 1978), pois, se existissem, estariam repletas de sistematizações. Mounier colocará todo seu empenho a serviço da revista buscando superar todos os obstáculos que o momento apresenta a ponto de sacrificar sua carreira acadêmica como professor.

Em 1935, Mounier casa-se com Paulette Leclercq, instalando-se em Bruxelas, a fim de poder ministrar cursos no Liceu francês. No mês de Março de 1938, nasce Françoise, sua primeira filha que, aos sete meses de idade, foi atacada por uma encefalite vacinal. Em setembro de 1939, Mounier, como simples soldado, fica confinado na região Grenoble . Com

isso, a doença de Françoise revela-se incurável, em julho de 1940, Mounier, desmobilizado, instala-se em lião com a família. Um ano depois a revista Esprit é suspensa pela censura.Em janeiro de 1942, Mounier é posto na prisão em Vals e entra numa greve de fome. Em outubro do mesmo ano, é julgado em Lião e libertado somente em 1943. A revista Esprit reaparece somente em dezembro de 1944. A revista edita, de 1945 a 1950, vários números especiais e grandes estudos sobre os desafios daquele momento. Em 1950, no dia 22 de março, Emmanuel Mounier morre de enfarto, às três horas da manhã (ABBAGNANO, 1984).

Depois retorna a Paris e reabre a publicação da revista *Esprit.* O período após o termino da guerra foi de grande trábalo, publicou várias obras. "La muerte le sobreviene en plena actividad, por agotamiento y crisis cardíaca (marzo de 1950), en la pequeña comunidad, por él fundada, e su familia y sus colaboradores"[5] (URDANOZ, 1985, p. 365).

Mounier escreveu uma vasta obra entre livros, artigos e revista, mesmo tendo uma morte em plena atividade intelectual. Segundo Urdanoz estas são alguns de seus escritos:

> La pensée de Péguy (Paris 1931), Revolution personnaliste et communautaire (1953), inDe lapropriété capitaliste à la bumae (em Esprit [1934], Ed. Liberte sous conditions, 1964), manifeste au service Du Personnalisme (1936), Pacifistes ou bélicistes? (1939), Anarcbie ET Personnalisme (em Esprit, 1937), Personnalisme ET Cbristianisme (em Recueil de I Université Catch. De Washington [1939], [...]Liberte sous conditions, Paris 1946), L' affrontementn cbrétien (Neuchâtel 1945), Traité du caractéri (Paris 1946),Introduction aux existencialismes (1946), Qu` est-ce que lê personnalisme (1947), L` éveil de l` Afrique noire (1948), Lê Personnalisme (1948) (URDANOZ, 1985, p 366).

1.2 Aspectos Histórico do Personalismo

No percurso da história nem sempre o personalismo teve a mesma concepção e objetivo que nos é apresentado nos momentos atuais por Mounier, passando assim por mudanças de acordo com a época e necessidade que as mesmas vivenciaram no decorrer do tempo e da história.

O termo Personalismo foi designado para referir a três doutrinas diversas, porém, com características conexas no decorrer da história.

A primeira, como uma doutrina teológica, que tem como base Deus como criador do mundo, contradizendo o panteísmo que afirma que Deus se identifica com o mundo: "este é o sentido originário no qual o termo foi empregado pelas primeiras vezes por Schleiermacher (Renden, 1799) e depois por Goethe, Fuerbach, Teichmüller" (ABBAGNANO, 1970, p. 728).

A segunda, como uma doutrina metafísica, que afirma ser o mundo constituído por totalidade de espírito os quais no conjunto com uma ordem ideal, em que existe uma

autonomia individual. "Esta concepção foi apresentada pela primeira vez com o nome de (personalismo) por G. H. Howison, em polêmica com Royce e em geral com o idealismo absoluto [...]". (ABBAGNANO, 1970, p. 728).

Pouco depois, o termo volta, sendo enfocado com concepção semelhante por Renouvier e por W. E. Hocking e outros vários escritores. "O personalismo neste sentido outra coisa não é senão um espiritualismo monadológico (átomo espiritual, substância desprovida de partes e extensão, indivisível, só Deus pode criá-la ou anulá-la) de marca leibniziano-lotzista [...]" (ABBAGNANO, 1970, p. 728).

A terceira, como uma doutrina ético política, em que prevalece o valor absoluto da pessoa e seus laços com outras pessoas, contra o coletivismo que na pessoa nada mais é que uma unidade numérica, e em polêmica contra o individualismo que tende a aniquilar qualquer laço de solidariedade entre as pessoas. "Neste sentido, o termo foi empregado por Eugênio Dühring [...]1899" (ABBAGNANO, 1970, p. 728). E com o fim da Segunda Guerra Mundial Mouinier vai retomá-lo novamente e dando novo impulso a esta dimensão que tende para a defesa da pessoa; e recebendo contribuição de inúmeros pensadores católicos e outros na América Latina que aderiram ao seu pensamento e luta.

Entre os católicos pareceu-nos viável contextualizar um dos que atuaram na linha do pensamento personalista e que teve sua parcela de contribuição visível para a valoração da pessoa por meio de atributos personalista, nesta visão, Mounier comenta:

> Vamos encontrar no padre Teilhard de Chardin ao mesmo tempo uma concepção personalista humana, uma linha de conduta para a ação personalista e uma visão de futuro da pessoa. [...] queriam destacar as grandes linhas do personalismo de Teilhard, mostrando sua constante e notável convergência com o de Mounier (LIGNEUL, 1968, p. 09).

O paleontólogo estando dentro das características do personalismo tinha uma visão da pessoa íncarnada, incorporada, não ficando diante do mundo como diante de um espetáculo distante, mais mergulhando suas raízes na existência e revigorando, tendo a ascensão da vida para humanizar-se tornando assim pessoa.

Ligneul descreve proximidade do pensamento de Teilhard com a filosofia de Mouinier (características personalistas), sua força de expressão, firmado de ação transformadora, levando a ultrapassar-se para um grau de maior de ser, para tanto escreve Ligneul:

> É impossível conter a reflexão sobre a pessoa num sistema fechado que escapasse a suas condições temporais. O desabrochamento da pessoa não pode resolver-se

> unicamente no plano das idéias. É, pois urgente recolher-se para ouvir em profundidade aqueles que são capazes de tornar lúcido nosso olhar e fecunda a nossa ação. [...] o gosto de enriquecer-se ao contato de duas testemunhas do mais alto valor para aqueles que não são indiferentes à sorte da humanidade: Pierre Teilhard de Chardin e Emmanuel Mounier" (LIGINEUL, 1968, p. 07).

É fácil encontrar em Teilhard traços de semelhança do personalismo de Mounier, podemos até dizer que existe várias atitudes e ações convergentes como descreve Ligineul: "Mounier, por várias vezes, referiu-se expressamente à visão teilhardiana" [6] (LIGNEUL, 1968, p. 09). Para tanto escreve Ligneul:

> Há, portanto mais do que um encontro casual. Ambos invocam explicitamente o fundo cristão que se empenham em fazer reviver e pensar em linguajem eficaz porque é inteligível para os seus contemporâneos. E Telhard freqüentemente dará uma característica 'personalista' à direção necessária para salvar a humanidade. Fica indignado ao ver que tantos homens caem 'em conservadorismo tradicional' e nisto ele sintoniza perfeitamente com Mounier (LIGNEUL, 1968, p. 09).

O personalismo de Teilhard está mais voltado para o futuro do que para o passado. "Teilhard de Chardin repetirá muitas vezes que o passado só interessa na medida em que prepara o futuro" (LIGNEUL, 1968, p. 19), "o absoluto do personalismo cristão, particularmente o de Teilhard, é um centro pessoal que levará cada centro particular constituído pelas pessoas concretas ao seu mais auto grau de personalização" (LIGNEUL, 1968, p. 41).

A contribuição considerável do padre Teilhard ao personalismo cristão constitui em mostrar entre muitas coisas que todos os homens devem ter sua parcela de ativa construção no mundo, e para tal ação a fé em Deus é algo indispensável para a realização de tarefa tão árdua, uma vez que os desafios existentes são inúmeros e de tamanha existência contraria. Ou seja, não devendo dispersar-se no tumulto exterior, e sim, dedicar a tarefa de fazer reencontrar o gosto de viver, reanimando no coração dos homens uma fé indispensável. Pois se existe a falta de fé, nada mais resta que "a angústia de se sentir na esfera cósmica, encerrados não tanto espacialmente quanto ontologicamente" (LIGNEUL, 1968, p. 65)

1.3 O personalismo de Emmanuel Mounier

Terminada a segunda guerra mundial, direciona-se nas manifestações do espiritualismo para o aspecto social e sua expressão mais notável torna-se a pessoa e seu valor transcendental, a relação com Deus. Mais precisamente na França, há um espiritualismo semelhante, que toma nome de personalismo, e tem como seu maior expoente Emmanuel

Mounier que fundou a revista *'Esprit'* e passa tornar públicas suas ideias de inconformação com o estado das coisas, e propõe transformação, uma renovação da civilização ocidental de sua época.

O contexto em que surge o Personalismo no século XX se dá quando o mundo passa por uma crise politica e espiritual, principalmente, na Europa. A revista Esprit, fundada em 1932, coloca o termo personalismo num contexto diferente do que era usado, anteriormente, por Renouvier, em 1903 e, também, por Walt Whitman, em 1867:

A pessoa, para ele é antes de mais nada o não, a recusa de aderir, a possibilidade de se opor, de duvidar, de resistir à vertigem mental e correlativamente a todas as formas de afirmação coletiva quer sejam teológicas, quer sejam socialistas (MOUNIER, 1976, P.18)

Para muitos, até então, o personalismo era tido como sinônimo de egocentrismo: a pessoa, sozinha, é o centro do cosmos. No entanto, quando se fala do universo da pessoa humana, fala-se do homem (antropos) em si (MOUNIER, 1976).

No sentido universal, existe o conceito de personalismo diferenciado em cada realidade ou postura ético-moral. Como diria Teilhard de Chardin ao analisar o transcendente presente nas culturas: "O transcendente é um meio Universal; É o ponto final do qual convergem todas as realidades" (PENZO; GIBELLINI, 1998, p. 385).

Neste contexto, Mounier coloca a ideia central do personalismo, sendo a ideia de pessoa e todo seu universo, ou seja, na sua inviolabilidade, criatividade, liberdade e responsabilidade de pessoa, situada e protagonista da história e constitutiva da comunidade.

Mounier propõe "uma civilização personalista, sendo uma civilização cujas estruturas e espíritos estão orientados para a realização da pessoa que é cada um dos indivíduos que a compõe" (Mounier, 1967, p. 83). Dessa forma, diferente da soma dos interesses individuais e sim superiores aos interesses do indivíduo.

Esta civilização, acima dos interesses materiais, "ela tem, todavia, por fim último, por cada pessoa em estado de poder viver como pessoa, quer dizer, em estado de poder atingir um máximo de iniciativa, de responsabilidade, de vida espiritual" (Mounier, 1967, p. 83).

O personalismo defende que "a pessoa é um absoluto em comparação com qualquer outra pessoa humana" (Mounier, 1967, p. 85). Neste a pessoa não pode ser considerada como parte de um todo. Mais é um todo, com o todo, com o outro, com a comunidade. Eu sou, na medida em que contribuo para o outro ser, mais pessoa, num gesto sempre de expor para o outro.

O personalismo de Mounier explica-se na história pela forte atuação pessoal diante do contexto sócio político existente de seu tempo. E ele nunca assumiu a fria atitude de

filósofo profissional, pois não se encontra nele um sistema elaborado pronto de uma filosofia, no sentido tradicional do sistema. Ele se preocupa muito mais em testemunhar como profeta e provocar, despertar, um comportamento e uma ação enquanto tal nos seus contemporâneos. Sua vida, sem dúvida, foi o melhor testemunho de seu pensamento personalista.

O personalismo de Mounier apresenta-se como uma reação de defesa contra toda atitude negadora da pessoa humana, quer seja o desconhecimento do homem real pelo pensamento quer se trate de seu esmagamento pelas estruturas políticas sociais ou econômicas. Este foi o empenho e objetivo também de sua revista desde sua fundação.

Mounier firmando o primado da pessoa em toda sua dimensão escreve:

> Todo aparelho legal, político, social ou econômico não tem outra missão última senão assegurar primeiro às pessoas em formação a zona de isolamento, de proteção, de jogo e de lazer que lhes permita reconhecer em plena liberdade espiritual essa vocação: em seguida, ajudá-las sem constrangimento, a libertarem-se dos conformismos e dos erros de ajustamento; finalmente, proporcionar-lhes, pela coordenação do organismo social e econômico, os meios materiais necessários para dar a esta vocação o seu máximo de fecundidade (MOUNIER, 1967, p. 94).

Dessa forma que o organismo social e político devem atuar dentro das perspectivas do pensamento personalista, deve estar a serviço da pessoa em prol da construção engajadora da sua existência. Mounier tinha a seguinte visão do personalismo, onde descreve:

> O personalismo é uma filosofia, não é apenas uma atitude. É uma filosofia, não é um sistema. Não foge à sistematização. Portanto o pensamento necessita de ordem: conceitos, lógica, esquemas unificantes não servem apenas para fixar e comunicar um pensamento que sem eles se diluiria em intuições opacas e solitárias; servem também para perscrutar essas intuições em toda a sua profundidade; são simultaneamente instrumentos de descoberta e de exposição. Porque definem estruturas. O personalismo é uma filosofia, e não apenas uma atitude (MOUNIER, 1976, p. 16).

Com isso, percebe-se que ele não queria que o personalismo fosse visto apenas como ideal, mas que tivesse um teor filosófico e sistemático. O Personalismo é mais que um sistema onde se prega um ideal ou um conjunto de ideias. É uma Filosofia, pois pretende chegar a verdades sólidas e fundadas em análises intelectuais e críticas. No entanto, como diz Mounier (2004, p. 14), "sendo a existência de pessoas livres e criadoras, a sua afirmação central introduz no centro dessas estruturas um princípio de imprevisibilidade que afasta qualquer desejo de sistematização definitiva".

É importante comentar que o personalismo baseia-se também numa metodologia cristã, onde o próprio Mounier define que:

UFPI - Biblioteca
13072 09/10/19

> Um personalismo cristão tem diante de si uma tarefa considerável em pedagogia cristã: refazer uma arte de pensar e uma arte de persuadir que restituam ao tratado como ao sermão esta sondagem do real, este enfoque direto de que os manuais de filosofias em usos nos colégios e os subprodutos da contrareforma esvaziaram o conteúdo (MOUNIER, 1972, p. 170).

E continua: "É certo que o personalismo cristão tem parcela mais bela que um personalismo não cristão para definir o que = mesmo no plano natural = é tendência de superação da natureza e orientação no sentido de Deus" (MOUNIER, 1972, p. 174).

Contudo, vemos traços de suas raízes dum autêntico católico não parado mais pronto a contribuir. Conforme Mounier, o personalismo deve ser uma filosofia que vele pela união de todas as pessoas não fazendo acepções raças ou algo semelhante, escreve ele:

> Por isso o personalismo conta com uma de suas ideias chaves a afirmação da unidade da humanidade no espaço e no tempo, ideia pressentida por algumas escolas do fim da antigüidade, e afirmada pela tradição judaico cristã. Para o cristão, não há nem cidadão nem bárbaro, nem senhor nem escravo, nem judeu nem pagão, nem branco nem negro, nem amarelos, mas todos são criados à imagem de Deus e todos chamados à salvação em Jesus Cristo" (MOUNIER, 1976, p. 78).

Para o personalismo de Mounier a liberdade não é imposta ao homem como uma condenação (Sartre). É ela como possibilidade de desabrochamento, leva a descentrar o indivíduo para abri-lo ao mundo das pessoas, no qual ele irá encontrar-se, e só então, elevar-se a seu ser autêntico. A filosofia de Mounier não é algo fechado, acabada, mas aberta a receber contribuição de outras filosofias que possam estar presentes no cenário filosófico contemporâneo. Dessa forma escreve:

> O valor da filosofia de Emmamuel Mounier coloca-se para nós de forma não absolutizada nem peremptória [...], mas num vivo diálogo por ele estabelecido com o mundo, mundo que assumiu as bem particulares coordenadas duma época e dum lugar, entre os quais seu pensamento se precisaria (MOUNIER, 1976, p. 09).

Dessa forma o personalismo é uma forma de esperança sobre a situação de crise que agredia a sociedade capitalista francesa que sem um referencial norteador estava perdida e sem direção. A filosofia de Mounier propunha um caminho que ressalta o valor da pessoa e que a Europa tinha de descobrir. Uma direção para uma comunidade de pessoas engajadas na sociedade e situadas na história. Em que, aos poucos, deveria trilhar para um socialismo sobre parâmetros de larga escala para dimensões totais da pessoa.

2. A PESSOA

> Uma pessoa é um ser espiritual constituído como tal por um modo de subsistência e de independência no seu ser; Ela alimenta esta subsistência por uma adesão a uma hierarquia de valores livremente adaptados, assimilados e vividos por uma tomada de posição responsável e uma constante conversão; deste modo unifica ela toda a sua atividade na liberdade e desenvolve, por acréscimo, mediante atos criadores, a singularidade da sua vocação (MOUNIER, 1967, p. 84).

2.1 Visão de pessoa de Emmanuel Mounier

A concepção de pessoa no decorrer da história teve várias formas de ser vista e evocada, nem sempre a mesma opinião e formas de vê-las foi semelhante, até mesmo um único povo mudará suas formas de conceber e ver a pessoa, fruto às vezes, de uma separação provocada pelo tempo e a contribuição de novos costumes adquiridos. Em algumas vezes podemos afirmar que houve considerável evolução. Para tanto, seja a visão que os gregos tinham da pessoa, ou escravos que estavam num patamar sub-inferior muito longe de serem vistos e considerados como pessoa, ou até mesmo a posição em que a mulher tem alcançado nos dias atuais em todo contexto mundial, muito diferente de alguns séculos passados. Lembrando que existem regiões em que a participação e contribuição da mulher ainda são muito tímidas, pois costumes e até mesmo religiões a limitam a sua expressão no espaço e no tempo. Tendo o respaldo, às vezes, de diferenças enormes na distribuição e posses e bens.

Hoje, com a proclamação dos direitos universais da pessoa, é uma vitória a somar para o ser humano, em defesa da sua dignidade e do direito a vida. A palavra pessoa, no "latim *Persona*,[...] no sentido mais comum do termo: o homem em suas relações com o mundo ou consigo mesmo" (ABBAGNANO, 1970, p. 730). Segundo Abbagnano, em relação ao conceito de pessoa, "podem se distinguir as seguintes fases do conceito: 1ª função de relação-substância; 2ª auto relação (consigo mesmo); 3ª hetero-relação (relação com o mundo)" (ABBAGNANO, 1970, p. 730). Nesta primeira fase do conceito, o termo pessoa significa máscara no sentido de personagem, e neste sentido é que foi sendo introduzido na linguagem filosófica pelo estoicismo.

A noção de pessoa revelou-se também muito útil para se explicar as relações de Deus com o Cristo e com o Espírito Santo, e ao mesmo tempo fontes de mal entendimento e grandes heresias, onde ocorreram enormes e intermináveis disputas trinitárias nos primeiros séculos do cristianismo, e que levou ao concílio de Nicéia em 325. Santo Agostinho, o maior expoente da patrística, insistindo na substancialidade da pessoa assim dizia "que pessoa significa simplesmente 'substância' e que, por isso, o Pai é pessoa em relação a si mesmo não

em relação ao filho" (ABBAGNANO, 1970, p. 731). Neste aspecto Boécio diz que permaneceu assim por toda a Idade Média.

Santo Tomás, um filósofo e Teólogo de grande expressão, devido à força filosófica e teológica de seus escritos, afirmava que:

> A pessoa numa natureza qualquer, significa o que é distinto nesta natureza; como na natureza humana significa estas carnes e estes ossos e esta alma que são os princípios que individualizam o homem [...]. mesmo no seu sentido mais comum a pessoa é, segundo Santo tomas, distinção e relação (ABBAGNANO, 1970, p. 731).

Como vemos a ideia à cerca de pessoa carece na história "e até aos alvores do cristianismo, o sentido da pessoa mantém-se embrionário" (MOUNIER, 1964, p. 22). Por outro lado, o pensamento pagão, apesar de grandes esforços, não chegou a formular uma metafísica sólida da pessoa, tanto suas escolas como seus pensadores, "seja por não haver ultrapassado o plano da moral, como no caso dos estoicos e epicureus, seja por não possuir do individual uma ideia bastante elevada para fazê-lo, como no caso de Platão e Aristóteles" (VILELA, apud MIRANDA, 2003, p. 21).

Já para Mounier, sua visão é muito ampla de forma a ver todas as suas possibilidades, a pessoa é possuidora de um valor indefinido e transcendental, logo ela não pode ser um objeto de definição ou conhecimento acabado terminado; definir a pessoa é esvaziá-la de sua grandeza real. Ela é o que pode ser chamada de indefinível. Nessa base é que Mounier vai construindo uma nova posição em relação a outros pensadores em defesa da pessoa.

Na filosofia de Mounier, seu ponto de partida é a existência de pessoa livre criadora, criativa, responsável, sujeito único, impossível de substituir; a pessoa não é um simples objeto, nem pode ser reduzida a um limitado e pobre conceito.

O real é muito mais rico do que a fraca ideia que nós fazemos dele. Escreve Mounier:

> A pessoa não é uma coisa que se pode encontrar no fundo das análises, ou uma combinação definível de aspectos. Se fosse uma súmula, poderia ser inventariada: mas é, exatamente, o não inventariável. Inventariável, poderia ser determinada; mas é, exatamente o centro da liberdade[...]" (MOUNIER, 1946, p. 84).

A pessoa é algo que mergulha suas raízes no mundo material e encarnada, incorporada na existência e não um mero espectador, e esta mesma têm condições de firmar-se tomando consciência de suas cadeias e de suas potencialidades inesgotáveis, esforçando-se. A pessoa encontra-se além do tempo, é como que uma unidade dada não constituída ou uma

presença que não se encontra sob o olhar. Os seus recursos são indefiníveis, não podendo expressar o que de fato é. O que se pode dizer da pessoa, é que ela é o volume total do Homem, ou seja, "o universo da pessoa é o universo do homem" (MOUNIER, 1964, p.16).

Mounier nunca se cansará de dizer que "a pessoa não é um objeto" (MOUNIER, 1964, p. 18), a pessoa é o indivíduo consciente de si próprio, senhor de seus atos, capaz de se doar a outrem, manifestando experiência de vida e sem se esvaziar, mas pelo contrário recebendo contribuição do outro se construindo "a pessoa não é o mais maravilhoso objeto do mundo, objeto que conhecemos de fora como todos os outros. É realidade que conhecemos e que, simultaneamente construímos de dentro" (MOUNIER, 1964, p. 19), Mounier dirá que todo este universo não se esvazia, "mas sendo os recursos da pessoa indefinidos, nada do que exprime a esgota, nada do que a condiciona a escraviza" (MOUNIER,1964, p. 19). A pessoa:

> Não deve ser confundida com a alma, o eu consciência: um escravo, por exemplo: é todas as coisas (possui o que o homem biológico possui) mas não é uma pessoa porque não tem possibilidade de agir sobre o próprio corpo e um elemento de seu mundo escapa-lhe" (ABBAGNANO, 1970, p. 732).

É algo incompleto, ela não tem liberdade; falta o que é natural dela. A pessoa, posta em presença de si mesma, consciente, por seu poder de reflexão, torna-se responsável por si própria e pela tarefa de continuar, levar a diante o impulso que a levou a ser, dando uma resposta por meio de seu engajamento. Explica Mounier:

> A Palavra engajamento contém um significado duplo e corresponde tanto àquele de um homem que tivesse embarcado em um destino que não foi de sua escolha quanto àquele, incomparavelmente superior, de um homem que tivesse 'engajado' através de uma iniciativa plenamente livre (MOUNIER, apud LIGNEUL, 1968, p. 45).

A pessoa está comprometida, engajada, na transformação do mundo, condição de sua própria transformação, é responsável. Dizia Mounier: o homem que acredita nas suas possibilidades de ação "vê exaltar-se quase ao infinito, diante de si, a grandeza de suas responsabilidades" (MOUNIER, apud LIGNEUL, 1968, p. 52); a pessoa consciente desse universo que a possui está a caminho da liberdade com responsabilidade. Lembra Mounier "a pessoa só se liberta, libertando. E é chamada tanto para libertar a humanidade, como as coisas" (MOUNIER, 1964, p. 53).

A pessoa é algo capaz de descentrar-se para tornar-se disponível ao outro, esvazia-se de todo egocentrismo, narcisismo, e torna disponível ao outro. Dessa atitude, dessa tomada de consciência, a pessoa se lança para desenvolver sua vocação, como descreve Mounier:

> "O desenvolvimento da pessoa implica como condição interior um despojamento de si de seus bens que despolariza o egocentrismo. A pessoa só se encontra quando se perde. A sua fortuna é o lhe fica quando se despojou de tudo o que tinha – o que lhe fica à hora da morte" (MOUNIER, 1964, p. 91).

Sendo assim, a pessoa deve ser protegida de abusos de poder, e com isso o poder deve ser e estar baseado no respeito à pessoa, de forma a promover a sua dignidade. Desta forma ressalta João Paulo II a seguinte descrição:

> Por ser a imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de pessoa: ela não é apenas alguma coisa, mas alguém. É entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com seu criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor que ninguém mais pode dar em seu lugar" (PAULO II, 1999, p. 103).

O mesmo João Paulo II fala da inviolabilidade e do direito da pessoa, desde o momento que passa a existir até o último momento:

> Os direitos inalienáveis da pessoa devem ser reconhecidos e respeitados pela sociedade civil e pela autoridade política. Os direitos do homem não dependem nem dos indivíduos, nem dos pais, e também não representa uma concessão da sociedade e do Estado: pertencem à natureza humana e são inerentes à pessoa em razão do ato criador do qual esta se origina. Entre estes direitos fundamentais é preciso citar o direito à vida e à integridade física de todo ser humano, desde a concepção até a morte" (PAULO II, 1999, p. 592).

Toda esta visão de João Paulo II está dentro do cristianismo, pois bem sabemos que esta visão propõe condições para serem pessoas dignificadas muito além das que participam do cristianismo.

Para Mounier, de nada adianta se apenas estudar o conceito de pessoa, base de moral, base das ciências morais, se estiver, repleto de um valor equivalente ao do animal. Faz-se necessário analisar o valor absoluto da pessoa que esta na pessoa é, por essência inalienável, constituída desse valor, é inviável que exista uma civilização que não seja fundada sobre uma base de respeito à pessoa; a novidade de seu personalismo reside, no realismo humano, na tentativa de restabelecer uma ponte entre a pessoa e o mundo. Esta vivência implica decisões, e comporta uma margem de risco e momento de incerteza, mas é neste movimento, na escolha que a pessoa se constrói e se afirma. A decisão é criadora e ela é uma das fontes em que a pessoa avança e se forma. Desta maneira somente "a pessoa pode aceitar ou recusar, pode dizer sim ou não, isto é, somente ela tem o direito de escolher e de decidir no mais íntimo de sua interioridade" (LORENZON, 1996, p. 58). Dessa forma, "num movimento vindo das profundezas, a pessoa se concebe a si mesma progressivamente através de suas escolhas" (MOUNIER, apud LORENZON, 1996, p. 58), contudo, "ela tem o poder sobre o universo dos

valores. Em consequência, ela deve sacrificar outras escolhas. Todavia, a decisão não se apresenta como um ato cego e arbitrário" (LORENZON, 1996, p. 58), enfim, "é a pessoa que inteiramente ligada a seu futuro, centrada num ato duro e rico que resume sua experiência e integra-lhe uma experiência nova" (MOUNIER, apud LORENZON, 1996, p. 58), mas, "as recusas, que resultam da escolha, nascem mais de uma plenitude exigente do que de uma indulgência. Aí se encontra sua vocação fundamental: na escolha, e a escolha responsável" (LORENZON, 1996, p. 58); percebe-se desta, forma porque este ato é tão complexo, e com fragilidades, pois trata de um ato de ser no mundo, encarnada, inserida como expressou Mounier: "eu sou um eu-aqui-agora; talvez fosse preciso tornar ainda mais denso e dizer um eu-aqui-agora; desse jeito- por entre esses homens-com esse passado" (MOUNIER, 1964, p. 201).

A vasta obra de Mouneriana defendeu nos temas mais diversos a pessoa. O Homem, pessoa humana que se faz na História, é um ser em si e para si, ou seja, é fermento que se constrói na história individual e coletiva da humanidade.

2.2 A Pessoa em busca do Outro

> Uma das grandes conquistas da filosofia existencial é, sem dúvida, o valor do outro, que a filosofia clássica tão estranhamente abandonara. Assim, se enumerarmos os problemas principais encontramos o conhecimento, o mundo exterior, o eu, a alma e o corpo, a matéria, o espírito, Deus, a vida futura, mas nunca entre eles figura a relação com outrem, pelo menos no plano dos restantes. Foi o existencialismo quem a promoveu subitamente ao seu lugar central (MOUNIER, 1963, p. 137).

O personalismo de Emmanuel Mounier parte do grande postulado segundo o qual a comunicação entre as pessoas é uma experiência fundamental. A pessoa é inseparável da comunidade e incompreensível sem ela. Para Mounier é possível e necessária a comunicação, gerando comunhão autêntica com outras pessoas; depende muito da disponibilidade do sujeito, em dar um passo na direção do outro, ir ao encontro; aberto, propondo comunhão, essa comunicação é o que dá acesso ou abertura ao outro.

A pessoa não existe separadamente da comunidade. A pessoa sempre terá necessidade de comunicar, do contrário, impossível chegar ao outro, a comunicação, seja no olhar, gesto, palavra, ação conjunta, partilha do mesmo pensar, estará sempre dependente de tão frágil vínculo, "quando a comunicação se enfraquece ou corrompe perco profundamente eu próprio: todas as lacunas são uma falha nas relações com os outros [...]" (MUNIER, 1964, p. 64).

Mounier coloca que "o primeiro movimento que, na infância, revela o ser humano é um movimento para outrem; a criança saindo da vida vegetativa descobre-se nos outros, aprende nas atitudes que a visão dos outros lhe ensina" (MOUNIER, 1964, p. 63). Desta forma, faz-se necessário ter a contribuição do outro para o eu ser pessoa mais completa, ir completando a cada experiência existencial.

A pessoa se constrói de dentro num primeiro passo, o segundo é, oferece-se ao outro a construir, partilha, para que, juntas dêem continuidade no processo de construção interior das mesmas. Desta escreve Mounier:

> Pela experiência interior, a pessoa surge-nos como uma presença voltada para o mundo e para outras pessoas, sem limites misturada com elas numa perspectiva de universalidade. As outras pessoas não limitam, fazem-na ser e crescer. Não existem se não para os outros, não se encontra senão nos outros. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O tu e, dentro dele, o nós, precede o eu, pelo menos acompanha-o" (MOUNIER, 1964, p. 64).

Diante disso podemos ver a sensibilidade de Mounier com a pessoa nos mais diversos campos humanos de relações com as pessoas na tentativa de criar laços humanos e duradouros de pessoa para pessoa.

Na concepção mouneriana a pessoa é uma existência capaz de se libertar de si próprio, de se desposar, de descentrar para se tornar disponível aos outros. Para o personalismo de Mounier, a acese do despojamento é a central da vida da pessoal; só liberta o mundo e os homens aquele que primeiramente libertou a si próprio; buscar compreender, calando-se para que a voz do outro ressoe. Além disso:

> Deixar de me colocar sempre no meu próprio ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros. Não me procurar numa pessoa escolhida e igual a mim, não conhecer os outros apenas com um conhecimento geral, mas captar com a minha singularidade a sua singularidade, numa atitude de acolhimento. Ser todo para todos sem deixar de ser, e de ser eu [...] (MOUNIER, 1964, p. 66).

Portanto a pessoa constituída de espírito, alma, corpo, encarnada e estando profundamente vivendo a existência, de sua pessoa e com outras pessoas; desta ação enquanto tal é um construir, comunicando-se buscando tornar um mais ser (pessoa), histórico, "buscar tomar sobre nós, assumir o destino, os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros, sofrer na nossa própria carne" (MOUNIER, 1964, p. 66), e buscando dar força viva do ímpeto pessoal e sem reivindicação para si, mas na generosidade e no ato livre e gratuito, ou seja, na dádiva sem medida e sem esperança de recompensa. "a generosidade dissolve a opacidade e anula a solidão da pessoa, mesmo quando esta nada recebe em troca [...]" (MOUNIER, 1964, p. 66).

Tratar o outro como um ser presente é tratá-lo como pessoa, é reconhecê-lo que não posso defini-lo, nem classificar, que ele é inesgotável, pleno de esperança que só ele dispõe; é acreditar. Mounier escreve uma rica reflexão sobre o olhar do outro e sua contribuição para o mundo da pessoa, seu ponto de vista difere do de Sartre. Diz Sartre: "cada um de nós é, necessariamente, ou um tirano, ou um escravo. O olhar do outro rouba-me o meu universo, a presença dos outros detém a minha liberdade, a sua escolha paralisa-me. O amor é uma infecção mútua um inferno" (SARTRE, apud MOUNIER, 1964. p. 60). Para Sartre, olhar do outro provoca com que uma espécie de incômodo para o eu. E Mounier continua:

> Censuramos já a Sartre o fato de ele abstraír no olhar unícamente o olhar que fixa. Ora o olhar mais profundo é, pelo contrário, um olhar perturbador. Mas para isso é necessário que eu acolha a presença do outro como algo de que não disponha, para que o olhar que sobre mim se pousa me não imobilize, mas, muito pelo contrario, me importune me inquiete, me ponha em causa" (MOUNIER, 1963, p. 158).

Desta forma a relação interpessoal, positiva, em Mounier é uma provação recíproca, uma mútua fecundação. Contudo "não só o olhar generoso dos outros nos anima, mas também, se estiver, eu que o recebo, em estado de disponibilidade, me anima o olhar hostil, cioso ou indiferente" (MOUNIER, 1963, p. 158). Essa experiência elucida a opinião que o outro desperta pelo seu simples peso silencioso do olhar. Um olhar que não só anima, mas que se mostra generoso, acolhedor, se a pessoa estiver em estado de disponibilidade. Para tanto, "o outro é assim o cooperador da mais íntima vida espiritual" (MOUNIER, 1963, p. 63), e pode-se dizer com "Gabriel Marcel, que, por consequência, a vida espiritual é o conjunto de ações pelas quais tendemos a reduzir em nós a margem de disponibilidade" (MARCEL, apud MOUNIER, 1963, p. 159). Por outro, lado existe a possibilidade da presença do outro de dificultar a comunicação e o relacionamento, pois uma espécie de ausência de transparência pode empobrecer a pessoa. Contudo, evitar um encontro é não aceitar a verdade que nasce dos confrontos dos olhares.

Também sabemos que os "aspectos das relações humanas, o mundo dos outros não é um jardim de delícias" (MOUNIER, 1964, p. 60), mas quando a pessoa sai de si, comunica com o outro, toma suas dores sobre si, suas angústias, "é permanente provação à luta, à adaptação, incita-nos a ir mais além" (MOUNIER, 1964, p. 60). Esta experiência da pessoa, de abertura para o outro, é um fato primitivo, do qual, o ser humano começa a ter contribuições no momento em que descobre o outro, e deve ser também seu ato final, pois, "do mesmo modo que o filósofo que começa por se encerrar, no pensamento nunca encontrara

Mounier coloca que "o primeiro movimento que, na infância, revela o ser humano é um movimento para outrem; a criança saindo da vida vegetativa descobre-se nos outros, aprende nas atitudes que a visão dos outros lhe ensina" (MOUNIER, 1964, p. 63). Desta forma, faz-se necessário ter a contribuição do outro para o eu ser pessoa mais completa, ir completando a cada experiência existencial.

A pessoa se constrói de dentro num primeiro passo, o segundo é, oferece-se ao outro a construir, partilha, para que, juntas dêem continuidade no processo de construção interior das mesmas. Desta escreve Mounier:

> Pela experiência interior, a pessoa surge-nos como uma presença voltada para o mundo e para outras pessoas, sem limites misturada com elas numa perspectiva de universalidade. As outras pessoas não limitam, fazem-na ser e crescer. Não existem se não para os outros, não se encontra senão nos outros. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O tu e, dentro dele, o nós, precede o eu, pelo menos acompanha-o" (MOUNIER, 1964, p. 64).

Diante disso podemos ver a sensibilidade de Mounier com a pessoa nos mais diversos campos humanos de relações com as pessoas na tentativa de criar laços humanos e duradouros de pessoa para pessoa.

Na concepção mouneriana a pessoa é uma existência capaz de se libertar de si próprio, de se desposar, de descentrar para se tornar disponível aos outros. Para o personalismo de Mounier, a acese do despojamento é a central da vida da pessoal; só liberta o mundo e os homens aquele que primeiramente libertou a si próprio; buscar compreender, calando-se para que a voz do outro ressoe. Além disso:

> Deixar de me colocar sempre no meu próprio ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros. Não me procurar numa pessoa escolhida e igual a mim, não conhecer os outros apenas com um conhecimento geral, mas captar com a minha singularidade a sua singularidade, numa atitude de acolhimento. Ser todo para todos sem deixar de ser, e de ser eu [...] (MOUNIER, 1964, p. 66).

Portanto a pessoa constituída de espírito, alma, corpo, encarnada e estando profundamente vivendo a existência, de sua pessoa e com outras pessoas; desta ação enquanto tal é um construir, comunicando-se buscando tornar um mais ser (pessoa), histórico, "buscar tomar sobre nós, assumir o destino, os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros, sofrer na nossa própria carne" (MOUNIER, 1964, p. 66), e buscando dar força viva do ímpeto pessoal e sem reivindicação para si, mas na generosidade e no ato livre e gratuito, ou seja, na dádiva sem medida e sem esperança de recompensa. "a generosidade dissolve a opacidade e anula a solidão da pessoa, mesmo quando esta nada recebe em troca [...]" (MOUNIER, 1964, p. 66).

Tratar o outro como um ser presente é tratá-lo como pessoa, é reconhecê-lo que não posso defini-lo, nem classificar, que ele é inesgotável, pleno de esperança que só ele dispõe; é acreditar. Mounier escreve uma rica reflexão sobre o olhar do outro e sua contribuição para o mundo da pessoa, seu ponto de vista difere do de Sartre. Diz Sartre: "cada um de nós é, necessariamente, ou um tirano, ou um escravo. O olhar do outro rouba-me o meu universo, a presença dos outros detém a minha liberdade, a sua escolha paralisa-me. O amor é uma infecção mútua um inferno" (SARTRE, apud MOUNIER, 1964. p. 60). Para Sartre, olhar do outro provoca com que uma espécie de incômodo para o eu. E Mounier continua:

> Censuramos já a Sartre o fato de ele abstrair no olhar unicamente o olhar que fixa. Ora o olhar mais profundo é, pelo contrário, um olhar perturbador. Mas para isso é necessário que eu acolha a presença do outro como algo de que não disponha, para que o olhar que sobre mim se pousa me não imobilize, mas, muito pelo contrario, me importune me inquiete, me ponha em causa" (MOUNIER, 1963, p. 158).

Desta forma a relação interpessoal, positiva, em Mounier é uma provação recíproca, uma mútua fecundação. Contudo "não só o olhar generoso dos outros nos anima, mas também, se estiver, eu que o recebo, em estado de disponibilidade, me anima o olhar hostil, cioso ou indiferente" (MOUNIER, 1963, p. 158). Essa experiência elucida a opinião que o outro desperta pelo seu simples peso silencioso do olhar. Um olhar que não só anima, mas que se mostra generoso, acolhedor, se a pessoa estiver em estado de disponibilidade. Para tanto, "o outro é assim o cooperador da mais íntima vida espiritual" (MOUNIER, 1963, p. 63), e pode-se dizer com "Gabriel Marcel, que, por consequência, a vida espiritual é o conjunto de ações pelas quais tendemos a reduzir em nós a margem de disponibilidade" (MARCEL, apud MOUNIER, 1963, p. 159). Por outro, lado existe a possibilidade da presença do outro de dificultar a comunicação e o relacionamento, pois uma espécie de ausência de transparência pode empobrecer a pessoa. Contudo, evitar um encontro é não aceitar a verdade que nasce dos confrontos dos olhares.

Também sabemos que os "aspectos das relações humanas, o mundo dos outros não é um jardim de delícias" (MOUNIER, 1964, p. 60), mas quando a pessoa sai de si, comunica com o outro, toma suas dores sobre si, suas angústias, "é permanente provação à luta, à adaptação, incita-nos a ir mais além" (MOUNIER, 1964, p. 60). Esta experiência da pessoa, de abertura para o outro, é um fato primitivo, do qual, o ser humano começa a ter contribuições no momento em que descobre o outro, e deve ser também seu ato final, pois, "do mesmo modo que o filósofo que começa por se encerrar, no pensamento nunca encontrara

uma saída para o ser, assim aquele que começa por se encerrar no eu nunca encontrará o caminho para os outros" (MOUNIER, 1964, p. 64).

Porém, é sabido que "o ser não é amor de manhã à noite" (MOUNIER, 1964, p. 69), há sempre algo nos outros que foge ao mais total esforço de comunicação, mal entendido, o ser humano é algo que resiste a todo esforço de reciprocidade (algumas vezes), ma vontade, "até a nossa existência é como inerente a uma opacidade irredutível, a uma indiscrição que é barreira à livre comunicação" (MOUNIER, 1964, p. 69); quando formamos nova reunião, que é necessário a reciprocidade, podendo ser na família, pátria, operários ou corpo religioso pode "alimentar um novo egocentrismo e levantar novas barreiras entre o homem e o homem" (MOUNIER, 1964, p. 70). Dessa verdade, "no universo que vivemos, a pessoa está, na maior parte das vezes, mais exposta do que rodeada, mais abandonada do que comunicada" (MOUNIER, 1964, p. 70). A existência de obstáculos na comunicação é percebível, uma vez, que a pessoa não é comunhão plena, e a má vontade pode estar presente; contudo, não se deve deixar vencer pela força da matéria e manter-se apto ao relacionamento e comunicação; obstáculos sugiram e desafios, mas a pessoa deve estar convicta do sim aos desafios que o mundo existencial lhe apresenta. Amá-los e superá-los e assim crescer como pessoas;

> O amor plenamente realizado é criador de distinções, é conhecimento e afirmação do outro enquanto outro. [...], o ato de amar é a mais forte certeza do homem, o 'cogito' existencial: amo, logo o ser é, e a vida vale (a pena ser vivida). Não me confirma apenas pelo movimento eu que me afirmo, mas pelo ser que o outro me entrega (MOUNIER, 1964, p. 68).

Dessa forma, esforçando, saindo do comodismo, "o homem, com seu amor e a sua ação, sai de si mesmo para ir ao encontro de outros homens e de todas as realidades terrestres para transformar o mundo [...] da natureza e criar à sua volta um mundo mais humano e mais amigo" (SELVAGGI, 1988, p. 56). Tratar o outro como um objeto é tratá-lo como um ausente ou como um instrumento de disposição. Ao contrário, é preciso tratá-lo como sujeito, como pessoa presente, pois isso é reconhecer que ele é indefinível e inesgotável. Faz-se mister ser tudo para todos sem deixar de ser o que é a si próprio.

3. A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE EMMANUEL MOUNIER

> Suas vastas correspondências reunidas em Mounier et Sa Générration e os outros três grandes volumes, reunidos pelos cuidados da Srª. Mounier, testemunham o grau

> de sua paixão pelo homem e sua vocação para uma vida verdadeiramente comunitária. Paralelamente a essa mediação pessoal transmitida ao outros, Mounier animava um vasto círculo de grupos de estudo e de ação onde se discutia com a maior liberdade os mais diversos problemas: questões de ordem política e econômica, religiosa e artística, planejamento da cidade e preparação da comunidade européia, problemas da guerra e da paz, da mecanização e da medicina, do indivíduo e da família ou da escola. Não se omitiu em nada que fosse humano. Eis porque é importante conhecer o contesto sociocultural e histórico no qual o personalismo foi criado e se desenvolveu, sem o que se arriscaria reduzi-lo a um sistema sem vida e amorfo. Seria traí-lo. (Alino Lorenzon).

3.1 Pessoa e o Individualismo

A Palavra individuo vem do Latim individuus, que significa não divisível, ou seja, não aberto a algo externo. Neste sentido, quando aplicado ao ser humano, expressa a condição reduzida de um ser que se basta a si mesmo. O individualismo é, portanto, "um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o individuo partindo de atitudes de isolamento e de defesa" (MOUNIER, 2004, p. 44).

O individualismo não é algo recente, comum do século XXI. Porém, no momento atual, sua agressividade está bastante visível, seja no campo da política, religião, economia, ambiente de trabalho, espaços universitários, na dimensão familiar e outros. Em todo o contexto hodierno pode-se encontrar procedimentos que são frutos de concepções individualistas. Seja na atualidade ou no decorrer da história, houve expressões individualistas e pessoas preocupadas com o mesmo que descreveram suas opiniões e pontos de vista, desta forma, salientando o individual.

> O individualismo no plano ético, surge como negação da dimensão comunitária da pessoa humana. Essa dimensão, essencial do próprio estatuto ontológico e epistemológico do homem, estará presente no trabalho como horizonte e pano de fundo de toda discussão" (LORENZON, 1996, p. 77).

Como vemos, existe uma diversidade de regimes onde o individualismo fez-se presente. Autores conhecidos como: Tocquevile, Max Weber, Adorno, Mounier, entre outros, realizaram estudos e denúncias, demonstrando ser o individualismo algo muito difundido nas sociedades ocidentais, sobretudo na sociedade moderna burguesa capitalista, competitiva e excludente. Tocquevile, por exemplo, afirma que o individualismo é de origem democrática e deve ser distinguido de egoísmo. Escreve ele:

> O individualismo é a expressão recente, originária de uma nova idéia. Nossos pais só conheciam o egoísmo. Este é um amor exagerado e apaixonado de si mesmo, que leva o homem a fazer tudo depender de si mesmo e preferir-se a tudo mais. O individualismo é um sentimento refletido e pacífico, que predispões cada cidadão a

> isolar-se da massa dos seus semelhantes e a retirar-se à parte, com a família e os amigos, de tal modo que, após criar dessa maneira uma sociedade para o uso próprio, abandona prazerosamente a sociedade a si mesma. O egoísmo nasce de um instinto cego; o individualismo procede de um juízo errôneo, mais do que de um sentimento depravado. Suas fontes são os efeitos do espírito, tanto como os vícios do coração" (TOCQUEVILLE, apud LORENZON, 1996, p.79).

Um outro autor, Remy Kwant, holandês, faz grandes estudos sobre a grandeza desta temática (individualismo) nos seguintes filósofos, analisando seus pensamentos:

> No individualismo filosófico, analisa a obra e pensamento de Descartes; no individualismo político, estuda Loke; no individualismo pedagógico, Rousseau; no econômico, Adam Smith, no plano da fé e da moral examina as tendências individualistas medievais e modernas" (LORENZON, 1996, p. 82).

Mas quais seriam as causas, as fontes, ou melhor, as origens do individualismo, uma vez que se faz presente em diversos campos do relacionamento humano? As respostas podem ser muito diferentes dependendo do ponto de vista do observador e pensador. A tentativa de explicação do líder religioso e teólogo não bate com a do cientista da área social ou da do filósofo; para tanto, foram apresentados estes a título de ilustração; dessa forma, torna-se claro que Mounier não foi o único a estudar o individualismo[7]. Muitos outros desenvolveram estudos sobre o individualismo, bem como, suas opiniões e crítica sobre tal sistema. E também é de se notar que nem todos compartilham da mesma opinião e visão, indicando que os filósofos têm objetivos diversificados mesmo quando o assunto é comum.

Como vemos, o individualismo é perceptível nos diversos campos onde o homem se faz presente, seja no filósofo, seja no homem da ação, e Mounier encontrará neste inimigo da pessoa (o individualismo) um difícil adversário. Para Mounier, a filosofia personalista opõe o homem como indivíduo e o homem como pessoa. O indivíduo é o homem físico, parte do universo, fechado em si mesmo, opondo-se a qualquer outro indivíduo. A pessoa é o homem espiritual, transcendente ao universo por sua liberdade, aberto a todo ser capaz de entrar em comunhão com outras pessoas, para tanto, escreve ele:

> O individualismo é um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitude de isolamento e de defesa. Foi o individualismo que constituiu a ideologia e a estrutura dominante da sociedade burguesa ocidental entre o século XVIII e o século XIX. O homem abstrato, sem vínculos e nem comunidades naturais, deus supremo no centro de uma liberdade sem direção e sem medida, sempre pronta a olhar os outros com desconfianças, calculismo ou reivindicações em relações aos outros, ao lado de instituições reduzidas a assegurar a convivência mútua dos egoísmos. Ou o seu melhor rendimento pelas associações viradas para o lucro: eis a forma de civilização que vemos agonizar, sem dúvida uma das mais pobres que a história já conheceu. É a

> própria antítese do personalismo e o seu mais direto adversário" (MOUNIER, 1964, p. 61).

Vê-se que no Personalismo não cabe o individualismo. Ele reduz à pessoa a instância de "coisa", de objeto, e isso faz com que o homem seja diminuído em sua dignidade e se aprisione em seu egoísmo. Pode-se notar que, para Mounier, o individualismo é o pior inimigo do personalismo, precisamente porque ele centraliza o indivíduo sobre si mesmo, desvinculando-o da comunidade. Por isso, uma das tarefas do personalismo é descentralizá-lo e colocá-lo nas largas perspectivas abertas pela pessoa. Visando que a pessoa desenvolve na medida em que se purifica do indivíduo que nela há, tornando-se assim disponível para os outros.

Uma das maiores dificuldades que o personalismo enfrenta é o individualismo. Ele impede que o homem seja tomado na sua integralidade, além de desmerecer o valor do outro na construção da personalidade em seu sentido mais rigoroso.

Mounier denuncia a tirania e a opressão da desordem estabelecida, fundada numa concepção de civilização ocidental, burguesa, individualista, que coloca o lucro, o dinheiro, a competição, a propriedade individual como valores absolutos, ou seja, como dogmas de fé.

Esta sociedade individualista atinge "até a própria Igreja abandonando toda uma longa tradição comunitária, deixa que o individualismo religioso e moral invada, progressivamente, a espiritualidade, a liturgia, e os costumes" (MOUNIER, apud LORENZON, 1996, p. 81).

A definição do individualismo, dada por Mounier, é claríssima, numa precisão de atingir toda sua amplitude. "Não é somente uma moral, é a metafísica da solidão integral, a única que nos resta quando perdemos a verdade, o mundo e comunidade dos homens" (MOUNIER, apud LORENZON, 1996, 81). Esta solidão, em face do mundo e da comunidade, é a solidão do homem contemporâneo; esta situação propõe um desafio para os movimentos comunitários infinitos. No intuito de mudar esta concepção de praticas que se tornam cada vez mais individualistas. Há no homem uma dificuldade de despertar a consciência da intersubjetividade e da dimensão essencial comunitária. Mounier, na sua visão sobre o individualismo vê este como uma decadência, um empobrecimento. Escreve ele: "o individualismo é uma decadência do indivíduo, antes de ser um isolamento do indivíduo; isolou os homens na medida que os aviltou" (MOUNIER, 1967, p. 25). Essa decadência impõe dificuldades para se comunicar, ficando propício voltar-se sobre si mesmo e não ao outro.

> A era individualista principiou por uma fase heróica. O seu primeiro ideal humano, o herói, é o homem que combate sozinho, contra as forças maciças, e no seu combate singular faz estalar os limites do homem. Os seus tipos viris: o conquistador, o tirano, o formador, [...]. As suas virtudes: a aventura, a audácia, a independência, a altivez, e a habilidade também, mas só na medida em que decuplica a audácia" (MOUNIER, 1967, p. 25).

Mounier, diante da sociedade burguesa ocidental, individualista, a vê como uma patologia, pois tudo o que a sociedade propõe é oposto às suas convicções de sustentar meios mais viáveis para a pessoa. Isto porque dentro de uma mentalidade individualista, o dinheiro torna-se como um substrato, para alguns, resultando numa sociedade capitalista e individualista. É uma infiltração oculta no organismo social.

> A potência anônima do dinheiro tomou todos os postos da vida econômica, depois introduziu-se sorrateiramente nos postos da vida pública; por último, apossou da vida privada, da cultura, [...], reduzindo o homem a uma individualidade abstrata, sem vocação, sem responsabilidade, sem resistência, o individualismo burguês é o percursor responsável pelo reino do dinheiro, quer dizer, como tão bem dizem as palavras, pela sociedade anônima das forças impessoais" (MOUNIER, 1967, p. 36).

Ou seja, o individualismo está presente tanto no âmbito pessoal como no âmbito das estruturas econômicas, social, política, produzindo, desta forma, traços que Mounier sempre condenou. Quando Mounier fala em defesa da pessoa, não está contida a intenção de restaurar o individualismo. Eu ponto de vista e luta é enriquecedor e não uma armadilha. A concepção de indivíduo é muito diversa da de pessoa nos seus aspectos fundamentais. No intuito de diferenciar, ele escreve:

> Não há, dissemos nós, experiência imediata da pessoa. Quando tento apreender-me nas primeiras vezes, apreendo-me a princípio difusamente à superfície da minha vida, e é antes uma multiplicidade que me aparece. Assaltam-me imagens imprecisas e móveis que me dão na sua sucessão atos dispersos, e vejo aí circular personagem entre as quis flutuo, nas quais me distraio ou fujo a mim próprio. Desfruto complacentemente, avaramente, esta dispersão que é para mim uma espécie de fantasia interior fácil e excitante. Esta dispersão, esta dissolução da minha pessoa na matéria, este refluxo em mim da desordenada e impessoal multiplicidade da matéria, objetos, forças, influências em que me movo, é antes de tudo a isso que chamamos o indivíduo. Mas enganar-nos-íamos se imaginássemos a individualidade como esse simples abandono passivo ao fluxo superficial das minhas percepções, das minhas emoções e das minhas reações. Há na individualidade uma exigência mais mordente, um instinto de propriedade que é em relação ao domínio de si o que a avareza é para a verdadeira posse. Este instinto dá como atitude primeira ao indivíduo que lhe cede, invejar, reivindicar, apossar-se e depois firmar em cada propriedade que assim obteve uma fortaleza de segurança e de egoísmo para a defender contra as surpresas do amor. Dispersão, avareza, eis as duas marcas da individualidade. A pessoa é domínio e escolha, é generosidade. Ela é, pois, na sua orientação íntima, polarizada precisamente ao contrário do indivíduo" (MOUNIER, 1967, p. 87-88).

Mounier escreve pondo em evidência aspectos contidos no indivíduo, que ganha força e migra para o individualismo e todas as suas consequências. Mounier vê no individualismo a morte da pessoa, não no sentido cristão, que é passagem para a vida eterna, mas dissolução dos elementos da unidade espiritual. "O personalismo reencontra a pessoa e o sentido das servidões materiais, sendo que no entanto renegar sua transcendência ao indivíduo e a matéria, só ele salva ao mesmo tempo a realidade viva do homem e a sua verdade condutora" (MOUNIER, 1967, p. 90). Desta forma, vemos o quanto o inimigo do personalismo são as realidades individualistas. "A individualidade é dispersão, a pessoa é integração. O indivíduo encarnado é face irracional da pessoa, por onde lhe vêem os seus alimentos obscuros e sempre mais ou menos misturados de nada" (MOUNIER, 1967, p. 90).

Foi no grupo de amigos que Mounier compunha a *Esprit*, que manifestava também seus pontos comuns sobre diversos assuntos. Mas é infantilidade negar toda a expansão e crescimento e todas as dimensões que o individualismo atingiu. Diz Mounier: é "mais, em reação a uma sociedade demasiada pesada, a burguesia exalta o indivíduo isolado e lança as bases desse individualismo econômico e espiritual, de que ainda hoje sofremos desgastes" (MOUNIER, 1964, p. 26). O individualismo, encontrando um amigo a altura, fiel e confiável, o capitalismo, emerge rapidamente com este apoio constante.

> [...] o individualismo, encontrando terreno favorável, na fase conquistadora do capitalismo desenvolveu-se rapidamente. O estado liberal cristaliza-o nos seus códigos e nas suas instituições e, em hora professando um personalismo moral e político (ao gosto burguês), lança as condições concretas das massas urbanas na escravidão social, econômica e, bem depressa política" (MOUNIER, 1964, p. 31).

Dessa forma, é possível, perceber quão diverso é o individualismo do personalismo. O personalismo sempre estará em defesa da pessoa, que deva viver como pessoa com outras pessoas, desafiando os obstáculos existenciais que a vida apresenta. Não sozinha e isolada, não encerrada em si mesma, mas ligada ao mundo através da consciência de um mundo de pessoas, "por isso, na raiz do personalismo está na unidade da humanidade no espaço e no tempo; ideia já pressentida pela tradição cristã dum gênero humano com uma história e destino coletivo, onde não pode ser separado nenhum destino individual" (MIRANDA, 2003, p. 19).

3.2 A comunidade de pessoa proposta por Mounier

O problema da pessoa foi freqüentemente debatido na história da filosofia. Hoje continua em voga.

> Atualmente por ele se interessam quase todos, principalmente os filósofos, alguns dos quais fizeram da pessoa o epicentro de suas reflexões, [...]. O problema da pessoa é também estudado por psicólogos, por educadores, por políticos, por juristas, por teólogos (RAMPAZZO, 1996, p. 62).

Este problema da pessoa adquiriu importância totalmente singular durante o século XX, "sobretudo por meio dos seguintes autores: Renouvier, Mounier, Buber, Scheler, Marcel, Nedoncelle, Guardini, Ricoeur, Heidegger, Brightmam. Em todos estes autores há uma recuperação da singularidade do homem e da complexidade do ser" (RAMPAZZO, 1996, p. 56). Porém, Mounier trabalha neste campo e propõe uma visão nova diante da realidade que ele vivia.

A nova comunidade proposta por Mounier é a sociedade personalista e comunitária, "que tem por função refletir a dignidade da pessoa humana. Trata-se de uma sociedade distante de agregações de indivíduos que correspondem à massa" (MIRANDA, 2003, p. 64). No entanto:

> Uma civilização personalista é uma civilização cujas estruturas e espírito são orientados para a realização, como pessoa, de cada um dos indivíduos que a compões. E em que as coletividades naturais são reconhecidas, na sua realidade e na sua finalidade própria – diferente da simples soma dos interesses individuais e superiores aos interesses do indivíduo considerados apenas materialmente – e que tem por finalidade dar a cada pessoa a possibilidade de viver como pessoa, isto é, poder alcançar o máximo de iniciativa, de responsabilidade, da vida espiritual (MOUNIER, apud NOGARE, 1990, p. 134).

Mounier pretende uma sociedade que se baseie no amor e na plena comunhão, na qual a pessoa é responsável, e trás para ela esta responsabilidade e assume o destino, a alegria, as dores e vai ao encontro do outro. Para tanto, esta ideia pode estar além de um sistema político, mas deve funcionar como critério para mudanças políticas reais e possíveis, resultando em benefício à pessoa.

Com isso, atitude personalista deve estar baseada no eu se voltar para o outro e construir uma civilização de doação, ou seja, uma nova realidade. A respeito disso comenta Mounier:

> Quando eu começo a interessar-se pela presença real dos homens, reconhecer essa presença em face de mim, a conhecer a pessoa que ela me revela, o tu que ela me

> propõe a não mais ver nela a terceira pessoa, uma pessoa qualquer, uma coisa viva e estranha, mas um outro eu como eu, então realizarei o primeiro ato da comunidade sem a qual nenhuma instituição será sólida" (MOUNIER, 1967, p. 114).

Esta comunidade deve estar ligada por algo que é comum à pessoa: não deve estar ligada a que é indiferente à pessoa.

> O primeiro laço seria o amor, e não qualquer constrangimento, qualquer interesse econômico ou vital, qualquer aparelho extrínseco. Cada pessoa encontraria nos valores comuns transcendentes ao lugar e ao tempo particular de cada um, o laço que as ligaria entre si (MUNIER, 1967, p. 144).

Talvez seja utopia prever que tais ideias realizem-se historicamente, mas a pessoa, possuidora e norteadora do seu destino, deve ter uma visão voltada para o futuro de transformação. A pessoa, na visão de Mounier, deve sempre buscar esta comunidade, deve ter um despertar comunitário como uma reação veemente contra o individualismo e coletivismo e não sendo de forma alguma mais um na massa; Mounier visa que:

> A pessoa só se realiza na comunidade: isso não quer dizer que ela não tenha chance alguma de faze-lo no anonimato (on). Não existe comunidade verdadeira a não ser comunidade de pessoas. Todas as outras não passam de uma forma do anonimato de pessoas" (MOUNIER, apud LORENZON, 1996. p. 07).

Para tanto, Mounier sempre vê a pessoa como um protagonista e não como um telespectador, pois tem um cuidado de que seu pensamento e ação estejam de mãos dadas diante da realidade existencial. "No centro desta dialética é que deverá colocar a pessoa, isto é, a pessoa concreta e histórica. Estudar os problemas humanos, sim, mas simultaneamente lutar pelo homem no processo de personalização individual e comunitária" (LORENZON, 1996, p. 07).

Toda a filosofia de Mounier tem o enraizamento do ser humano num meio de pessoas; é uma filosofia personalista e comunitária que ele sempre desenvolverá. É na base da relação humana, existente entre o eu e tu, que se forma o verdadeiro suporte para o 'nós' comunitário. É a partir deles que se constrói, a comunidade. "A pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas" (BUBER, 1974, p. 73). Dessa forma, podemos afirmar que o outro só existe no momento em que eu me relaciono com outra pessoa: neste momento o ser do outro passa a existir.

Sempre quando voltamos para Mounier, toda a luta e busca permeia sobre critérios de responsabilidade; do contrário, a pessoa diminui e se preenche de opacidade, torna-se

inferior, vazia, alguém perdido na massa. Mas a pessoa, consciente de si, deve ter atitude totalmente contrária a tal maneira descrita, sendo ela uma fonte inesgotável, geradora de ação.

E de todo este universo pessoal no qual a pessoa vai se construindo e gerando experiência e ao mesmo tempo amadurecendo, torna-se pessoa, uma vez que:

> Na experiência [...], o ser humano se manifesta propriamente como pessoa, como sujeito livre, capaz de relação com outros seres, num plano de inter-subjetividade, de reconhecimento mútuo. Esse relacionamento social e comunitário tem uma dimensão histórica que, sem anular o caráter último da consciência, condiciona seus atos, seus juízos sobre situações concretas (CNBB8, 1993, p. 31).

Dessa forma podemos ver que "não existe civilização comunitária que não seja fundada sobre uma base de respeito à pessoa" (MOUNIER, apud LORENZON, 1996, p. 11). O que não devemos confundir é a comunidade com o número ou a massa, isto é desconhecer a dignidade singular da pessoa, de iniciativa criadora. "Complementariamente, é preciso afirmar que a pessoa não existe separadamente da comunidade onde ela se encarna" (MOUNIER, apud LORENZON, 1996, p. 11). Face a esse dado e essa realidade, Mounier coloca que a experiência da comunidade é antes de mais nada uma experiência próxima, ela é a procura de relações verdadeiras. Além disso, a comunidade não é a soma dos indivíduos, das personalidades, dos personagens e outros: ela ultrapassa todas estas cristalizações,

> Assim como a pessoa é uma presença misteriosa, a comunidade é um valor que transcende todas as manifestações e todas as projeções sociológicas. A verdadeira comunidade aproxima os homens, apesar das dificuldades mais ou menos graves, apesar das crises mais ou menos dramáticas que fazem parte s CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) essencialmente de nossa condição humana" (LORENZON, 1996, p. 12).

Mounier, porém, lembra que o momento já emergente necessita de esforços para impor os critérios dessa nova comunidade. "Não se pode esperar que todos os homens consistam em tornar-se pessoas para construir uma cidade. Não se pode esperar que a revolução espiritual esteja terminada nos corações para empreender as revoluções institucionais [...]" (MOUNIER, 1967, p. 116).

Portanto, a nova comunidade proposta por Mounier apresenta características totalmente novas, com o objetivo de gerar uma porta de fuga para a sociedade que era assolada não só pelo econômico. E mais que isso, a pessoa seria todo o eixo norteador dessa comunidade nova. "A pessoa é uma potência de envergadura, infinita. Ela não é feita para inspirar sistemas medíocres de garantia contra grandeza" (MOUNIER, 1967, p. 120). Tornando assim criadora e autora da história.

CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho monográfico foi possível absorver o que há de mais importante sobre o personalismo de Emmanuel Mounier e sua influência para a compreensão do "homem integral" que representa uma forma de defesa da Pessoa, bem como, impondo responsabilidade e obrigações para a mesma.

Desde sempre o homem é constituído pessoa. No homem já existe todas as suas dimensões as quais foram citadas no decorrer da leitura. Ele é, portanto, ontologicamente, um ser imanente e transcendente. Em outras palavras, pode-se dizer que ao ser do homem a imanência e a transcendência são atributos essenciais e naturais e não acidentais e artificiais por si. Sendo assim, afirma-se que a imanência e a transcendência, uma vez que faz parte do ser da pessoa, constituem todos os seus atributos.

A pessoa quando inserida no meio social deve desenvolver sempre esses atributos, pois o homem não é apenas um "produto passivo", mas sim ativo. Ele atua sobre meio para transformá-lo. Ao mesmo tempo em que é espectador, é também agente dessa comunidade humana da qual faz parte.

O Pensamento de Mounier nos ajuda a superar as visões unilaterais. Isso se faz mais presente na sua visão sobre a pessoa. Sua percepção da pessoa como um ser que é, em igual nível, corpo e espírito, que possui simultaneamente a dimensão da singularidade e a dimensão comunitária e um ser que é, ao mesmo tempo, dado e tarefa oferece-nos uma importante chave de leitura para compreendermos a crise que assolava a sociedade de seu tempo e também a crise da nossa sociedade. Enquanto continuarmos a ver a pessoa a partir de apenas um de seus aspectos, continuaremos a pensar uma economia destrutiva, uma política míope e uma educação alienante. Pudemos ver, no desenrolar deste estudo, como uma visão limitada do homem (a visão individualista) fragilizou pela base toda construção do edifício econômico, político e cultural durante os últimos séculos e gerou o que Mounier chamou desordem estabelecida. Temos agora a oportunidade de olhar a pessoa em sua integralidade e vislumbrar ao menos a imagem de como pode ser possível a construção de uma sociedade em que a pessoa possa se desenvolver em suas dimensões. A construção em si é um segundo passo, depende mais de nossas escolhas do que de nossas leituras.

De uma forma bastante ampla, Mounier apresenta um personalismo novo e inacabado que tem por objetivo a defesa da pessoa condenando toda forma de opressão que possa estar presente no contexto do mundo e do homem. Cabendo ao Estado ter a sua parcela

de contribuição na defesa da pessoa de tal forma que a promove e jamais a oprimir ou limite a sua liberdade.

Como pode ser comprovado pelo que foi exposto no trabalho, a pessoa não é limitada e a partir do momento que entra em causa torna visível a contribuição que pode dar na construção da história. A pessoa deve sair de si e ir em busca do outro, comunicar-se com ele, estar aberto ao outro, conhecer o mundo que o outro propõe, e junto com o outro, na soma das experiências, crescer tornando-se assim mais pessoa, isto é, pessoa rica pela contribuição do outro na história, e sujeito do mundo.

Por outro lado, o indivíduo de modo geral fecha-se em seus mundos particulares tornando alienados à realidade que os cerca e todas as carências dos mesmos. Suas ações são limitadas e com a finalidade de satisfazer o próprio 'eu' de tal modo que não ha espaço para o 'nós'. Desta forma, o individualismo é desprezível para Mounier.

Para combater esta realidade Mounier propunha uma civilização personalista e comunitária cujas estruturas e espírito estão orientados para a realização da pessoa como pessoa, ou seja, cada um de seus membros que a compõe. A sua finalidade é dar a cada pessoa a possibilidade de viver como pessoa. Esta civilização da pessoa composta do mais alto grau de personalização confere o primado da mesma e exclui qualquer fagulha de individualismo.

Nesta comunidade de pessoas os interesses estão voltados para as pessoas e não para benefícios isolados dos indivíduos, pelo fato de tratar de comunidade de pessoas. Tudo isso deve ser vivido sem nunca separar a teoria da pratica, a compreensão da atuação. A pessoa possuidora e promotora de aspectos sociais e comunitários, porém seu aspecto transcendental deve transcender e sua melhor parte, a alma, uma dependência única de Deus, uma busca do superior, uma caminhada para o fim último: Deus. A pessoa tem um chamado de Deus para se realizar como pessoa, como autora de sua parte neste mundo. Isto justifica a pretensão de Mounier de criar um estatuto da pessoa.

Portanto, este trabalho propõe auxiliar o leitor a descobrir a dimensão existencial da pessoa em muitas realidades comum a pessoa, a ter uma visão mais voltada para o transcendente e não ignorar a ação encarnada que a pessoa pode desenvolver para com o semelhante. A pesquisa feita permite, hoje, um cristão ter uma fé mais sólida sem jamais esquecer o outro que está ao seu lado, muitas vezes necessitando de contribuição e de ajuda das mais diversas maneiras.

Mounier esteve sempre em vias de elaboração, seu pensamento nos remete que a pessoa tem sempre a capacidade de se reerguer. As pistas deixadas pelo mesmo nos oferecem uma boa base para trilharmos um novo itinerário. Crise ambiental, injustiça social,

corrupção... Desafios não faltam. Se optarmos pela efetivação do nosso ser pessoal, estaremos mais preparados para enfrenta-los.

A partir do que foi apresentado neste trabalho, permite ao leitor não ficar na opacidade indiferente àquilo que está carente de solução seja no âmbito social, econômico, político, religioso, educacional, jurídico, ou familiar; uma vez que a pessoa, na consciência de si deve contribuir para um mundo melhor fazendo a sua parte e sendo autora da história. Somente por este caminho ela se encontrará consigo mesma, com o outro e com o mundo chegando ao transcendente numa verdadeira comunidade de pessoas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970, p.728; 730-732.

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 2a ed. São Paulo: Editora Moraes, 1974; p.73

Documentos da C.N.B.B. Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil no 50. **Ética: Pessoa e Sociedade.** 7a ed. São Paulo: Paulinas, 1993, p.31

LIGNEUL, André. **Teilhad de Chardin e o Personalismo.** Trad. Marina Bandeira. Petrópolis: Vozes, 1968. p.07; 09; 41; 65.

LORENZON, Alino. **A Atualidade do Pensamento de Emmanuel Mounier.** 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 1996, p. 07; 12; 58; 77; 79; 82.

MIRANDA, Gilmar. **Emmanuel Mounier:** Uma Análise da Pessoa em sua Relacionabilidade e em sua Eminente Dignidade. Tese de conclusão de curso. Faculdade Arquidiocesana de Filosofia. Curitiba: 2003, p.19; 21.

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo.** Trad. João Bérnard da Costa. Lisboa: Livraria Morais, 1964, p.16; 19; 22; 26; 31; 53; 60; 61; 63; 64; 66; 68; 69; 70; 91; 201.

_____. **Manifesto ao Serviço do Personalismo.** Trad. António Ramos Rosa. Lisboa: Livraria Morais, 1967, p.16; 25; 36; 83; 84; 87-88; 90; 94; 114; 120.

_____. **Introdução aos Existencialismo.** Trad. João Bérnard da Costa. Lisboa: Livraria morais, 1963, p.63; 137; 158.,

_____. **Quando a Cristandade Morre.** Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p.174; 170.

MOUNIER, Emmanuel. O Personalismo. São Paulo: Martins Fontes, 1976, p.09; 78

MOUNIER, Emmanuel. O personalismo. Tradução: Vinícius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro, 2004, p.14; 44

_____.O personalismo.Tradução Vinicius Eduardo Alves. São Paulo:Centauro, 2005, p.101.

MOUNIER, E. Liberté sous condtion. Editions du Seuil: Paris, 1946, p.84.

MOIX, Candide. O pensamento de Emmanuel Mounier. Petrópolis: Paz e Terra, 1968; p.45; 52.

MUNIER, Roger. Le Chant second em Revue d'esthétique, tome XX, 1967, p.144

NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismos e Anti-humanismos.** Introdução à Antropologia Filosófica. 12a ed. Petrópolis: Vozes, 1990, p.134.

PAULO II, João. **Catecismo da Igreja Católica.** Trad. C.N.B.B. São Paulo: Vozes-Loyola, 1999, p.103; 592.

PENZO, G.; GIBELLINI, R. **Deus na filosofia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998, p.385.

RAMPAZZO, Lino. **Antropologia Religiões e Valores Cristãos.** São Paulo: Loyola, 1996, p.62; 56.

SELVAGGI, Fillipo. **Introdução a Filosofia do Mundo: Cosmologia Filosófica.** Trad. Alexander A. MacIntyre. São Paulo: Loyola, 1988, p.56.

URDANOZ, Teofilo. **Historia de La Filosofia. Siglo XX: Neomarxismos. Estructuralismo. Filosofia de inspiración cristiana.** vol. 08, Madrid: B. A. C., 1985, p..17

NOTAS

1 Outras recordações refletem a valorosa educação cristã que recebeu deste a sua primeira infância, pois as suas famílias eram crentes de ambos os lados, e na linha paterna se encontram vários sacerdotes.

2 Segundo suas memórias, desde os setes anos acompanhava sua mãe que nas tarde de Sábado levava-o para confissões na Igreja [...]. Em diversas ocasiões fez retiros, e tinha praticas de outros vários costumes piedosos, e oração assídua e de vida interior em presença de Deus.

3 Em Grenoble Mounier dará inicio aos primeiros estudos no liceu, iniciando-se também em filosofia, tendo como orientador e mestre Jacques Chevalier, professor da universidade e grande pensador católico com quem seguirá unído.

4 O arcebispo de Paris exige explicação sobre seu objetivo, e em 1936 temia uma acusação de Roma que decide por absolvendo-o. Em sua defesa Mounier alega que a maior parte de seus colaboradores são católicos e que tentam infundir o espírito do evangelho na ordem temporal.

5 A Morte de Mounier acontece em plena atividade, por esgotamento e crise cardíaca em março de 1950 na pequena comunidade fundada por ele, junto de sua família e seus colaboradores.

6 Pierre Teílhard de Chardín, padre francês, filósofo, paleontólogo e cientista, contemporâneo de Mounier. Porém, Mounier não foi um continuador de seu pensamento, mas buscou bases cientificas na sua filosofia para maior sustentabilidasde de seu personalismo.

7 Com relação aos autores supracitados, não cabe de forma alguma criticá-los, o objetivo de tal menção é demonstrar que a dimensão do individual, bem como o individualismo, foi objeto de estudo de vários pensadores. Sendo que as opiniões pode ser bastante diferenciada de um para outro.